

## AINDA AS ELEIÇÕES

**Roberto Rodrigues\***

As eleições de outubro passado foram um marco impressionante na história política brasileira, como todo mundo sabe.

O resultado mais importante, sem dúvida, foi aquele que definiu o novo Presidente da República, o Capitão reformado Jair Bolsonaro, um Deputado Federal de 7 mandatos pelo Rio de Janeiro, sem grande produção legislativa, mas com posições conservadoras marcantes. Pertencente a um partido pequeno, o PSL, enfrentou as maiores forças político-partidárias do país (PT, MDB, PSDB, PDT, PP, DEM, etc) sem os recursos financeiros semelhantes aos dos adversários para a campanha e nem tempo no horário gratuito de TV e rádio. Venceu com boa margem graças a uma mobilização sem precedentes e sem coordenação central de importante parcela da população que foi para as ruas para apoiá-lo ou foi para as redes sociais, sem pedir nada em troca: queria apenas mudar, exausta com tanta incompetência, mentiras, demagogia, populismo e corrupção que se acumularam nos últimos anos e que a mídia exibiu à exaustão.

As urnas mostraram este cansaço ao sepultar de vez a narrativa de "golpe" quanto ao impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, quando a deixaram em quarto lugar na disputa pelo Senado em Minas Gerais. Com ela foram excluídos outros Senadores da mesma cor, como Lindberg Farias no Rio de Janeiro, Roberto Requião no Paraná, e outros que não conseguiram voltar ao Senado, como Eduardo Suplicy em São Paulo. Aliás, no Senado houve uma renovação de 85,5% das 54 cadeiras disputadas (dois terços do número total de Senadores) fato inédito. Só 8 Senadores foram reeleitos, e aí ficaram de fora algumas estrelas de primeira grandeza, como Cristóvão Buarque no DF e Romero Juca em Roraima. Isso mostra que os eleitores quiseram mesmo mudar, sem preocupação com o partido ou a ideologia. Mesmo assim, considerando o terço de senadores que continuam, o maior partido representado no Senado ainda é o MDB, com 12 cadeiras, seguido pelo PSDB, com 9, e por PPS e PSD, cada um com 7 cadeiras. O PT e o DEM vêm logo abaixo, com 6 cadeiras cada. Chama a atenção a fragmentação partidária no Senado: são 21 partidos dividindo as 81 posições de Senadores!

Fragmentação esta que ainda é mais notável na Câmara dos Deputados, cuja renovação foi também espetacular, a maior desde 1990, e acima das expectativas dos analistas: 51,1%. São 31 os partidos representados hoje na Câmara, e com importantes mudanças. O PT, que tem 69 Deputados na legislação atual, perdeu 13 posições, mas ainda será a maior bancada da Câmara em 2019, com 56 Deputados Federais. O MDB encolheu 31 cadeiras, o PSDB outras 25 e o PTB perdeu 15. Em compensação, o PSL, partido de Jair Bolsonaro, que teve só

um deputado eleito em 2014, passará a ser a segunda bancada, com 52 parlamentares. A terceira maior bancada será do PP, com 37 membros. E o Partido Novo conseguiu eleger 8! Aliás, a grande vitória do NOVO foi em Minas Gerais, onde derrotou fragorosamente os candidatos ao governo do PT e do PSDB e elegeu o novato Zema para Governador.

Algumas curiosidades: dos 513 eleitos para a Câmara, 372 já exerceram mandatos em função pública (Prefeituras, Câmaras Municipais, Assembleias Legislativas ou mesmo no Congresso Nacional) e 269 cumprirão seu primeiro mandato na Câmara. Destes, 141 se elegeram por causa de relacionamento de parentesco com outros políticos, com lideranças evangélicas, com celebridades ou com linha dura no combate à violência.

A idade média dos eleitos é de 49 anos, e 77 são mulheres. Parece claro que há uma visão mais conservadora com relação a valores no novo Parlamento, com posição "pró mercado", uma tendência aliada à do futuro Presidente da República e muitos governadores de estados importantes, como São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Goiás, Mato Grosso do Sul, Paraná, Mato Grosso e Tocantins. Mesmo no Rio de Janeiro haverá um governador conservador.

Tudo leva a crer que com tais características as bancadas informais da Câmara continuarão a ter influência nas decisões mais relevantes. Como fica então a Frente Parlamentar da Agropecuária?

Na atual composição da Câmara dos Deputados, a Frente Parlamentar da Agropecuária tem 234 membros. Destes, só se reelegeram 91. Dos 128 não reeleitos, 11 não concorreram e 4 foram candidatos a vice-governador em seus estados. Mas o que realmente importa é saber quantos e quais dos membros efetivos da Frente, aqueles que não falham nunca no apoio a medidas de real interesse do agro, conseguiram reeleição. É o "núcleo duro" da Frente, e que são hoje 83. Destes, só se reelegeram 38. Outros 30 não conseguiram e 15 concorreram a outros cargos. Portanto, só se reelegeram 45% dos Deputados do "núcleo duro" da FPA. Isso pode indicar um enfraquecimento da Frente, mas há fatos que contradizem essa aparente anemia: a futura Ministra da Agricultura, Deputada Tereza Cristina, é a Presidente da Frente. O Ministro Chefe da Casa Civil será Onix Lorenzoni, também integrante da Frente. Isso significa grande empoderamento dela. Outros parlamentares reeleitos estavam ocupando cargos de Secretários em seus estados, e voltam fortalecidos, caso, por exemplo, de Arnaldo Jardim, de São Paulo, que foi secretário de agricultura de Alckmin. Alguns, como é o caso do atuante parlamentar Duarte Nogueira, viraram prefeitos municipais de cidades importantes, o que ajudará o trabalho no Congresso. E por último, vale assinalar que muitos dos Deputados novatos têm

grande afinidade com o agro, como boa parte dos eleitos pelo PSL, partido do novo Presidente da República.

No Senado aconteceu algo parecido: perdemos Ana Amélia Lemos e Ronaldo Caiado. Mas esse último virou governador de Goiás, influente estado agropecuário. E Ana Amélia será substituída por Luís Carlos Heinze, que trocou a Câmara pelo Senado. E ganhos virão com a não eleição de Senadores de oposição ao agro, já referidos.

Em suma, perdemos alguns nomes da maior importância na FPA, como Adilson Sachetti, Daniel Vilela, Junji Abe, Marcos Montes, Nilson Leitão, Osmar Serraglio, Stephanes, Roberto Balestra e Valdir Colatto, entre muitos. Mas outros nomes da FPA ganharam muito mais relevância no seio do Poder, e vários novatos chegam com enorme vontade de acertar.

E por último, o discurso do Presidente eleito é inteiramente a favor do agro, e a nomeação dos futuros Ministro aqui referida mostra que não é só discurso: ele tem cumprido o que prometeu em campanha, de modo que é perfeitamente válido acreditar que a nova bancada do agro terá mais peso nas decisões do Executivo, e isto é a melhor notícia para os mandatos que começam em janeiro de 2019 e se completam no mês de março. Em outras palavras, é legítimo esperar melhores tempos para o agro...

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Titular da Cátedra de Agronegócios da USP.**